

Texto sobre o espetáculo *Teorema 21*, escrito a pedido Grupo XIX de Teatro para debate após a exibição do registro da encenação no dia 2 de novembro de 2021 às 21h.

Evaldo Mocarzel

No filme *Teorema*, de Pasolini, a proposição lógica e poética engendrada pelo cineasta e escritor italiano focaliza a destruição da família burguesa, sustentáculo da sociedade capitalista, após a chegada do misterioso personagem arquetípico interpretado pelo ator inglês Terence Stamp, uma espécie de anjo exterminador, mas sensual e doce como a encarnação do próprio desejo, uma força subversiva que transforma para sempre os personagens com os quais se relaciona.

A empregada da casa passa a fazer milagres e depois pede para ser enterrada viva. O filho assume a sua homossexualidade e passa a se dedicar à arte. A filha não demora a ficar catatônica, enlouquecendo em seguida. A mãe dá vazão aos seus impulsos ninfomaníacos e o pai industrial entrega o controle da fábrica aos operários, despindo-se em uma estação ferroviária para depois fazer a travessia do deserto em busca de novas perspectivas para refazer a própria vida.

Estamos em 1968, paroxismo de um ciclo de transformações históricas radicais, respaldadas por utopias como o comunismo, por mais que a atitude do empresário possa ser vista como uma estratégia para continuar triunfando na luta de classes, mas a imagem marxista da

foice e do martelo desponta na tela pouco antes do enterro voluntário da criada messiânica. Há esperança no ar, novas perguntas para um novo momento histórico que marcou profundamente a trajetória da humanidade, embora o comunismo tenha depois desmoronado como uma quimera asfixiante e totalitária.

Em *Teorema 21*, espetáculo do Grupo XIX de Teatro com dramaturgia de Alexandre Dal Farra, encenado em 2016, a proposição lógica pasoliniana ganha novos contornos cruéis e distópicos que se assemelham muito pouco à parábola cristã e marxista que marcou época no final dos anos 1960.

A putrefação da morada burguesa já é fato consumado, completamente em ruínas. Frieza, crueldade e, principalmente, cinismo dominam a cena, surpreendendo e até mesmo imobilizando a truculência do anjo exterminador contemporâneo, cuja violência acaba se tornando uma espécie de “tempero” para chacoalhar um pouco a indiferença cáustica de quase todos os membros da família, com exceção da filha catatônica e da empregada constantemente violentada pelos mais diferentes tipos de abuso.

A sofisticação dos prazeres há muito abandonou o frescor da alma e se converteu em uma frieza que é sinônimo de razão cínica nesses tempos pós-utópicos. Jogos de ódio, brigas e humilhações desfilam diante dos espectadores como um desejo único de violência, de destruição. A possibilidade da experiência da morte como talvez a única maneira de se sentir vivo.

Estupros são apreciados como uma nova modalidade de obra de arte, em que o horror e a crueldade se mesclam à indiferença mais torpe, sem nenhuma possibilidade de compaixão, pelo menos para aquela família. A proposição lógica da tragédia clássica vira um teorema do horror, anestesiado e banalizado pelo cinismo, pela sofisticação mundana de experiências turísticas extremas, em que te prendem na mata para depois te cobrirem de mel, com direito a um banho de línguas em mais um exercício pretensamente lúdico, talvez com o intuito de romper o verniz cínico e fútil que asfixia as nossas peles nessa sociedade do espetáculo.

Tudo é a cáustica letargia da indiferença, que não consegue ser quebrada nem mesmo pela truculência do anjo exterminador, não demorando a se tornar um brinquedo nos jogos vorazes de estupro e de morte, como mais um passatempo para aquela família se sentir mais viva. Não há mais o menor sinal de luta de classes naquela falta total de horizontes: são os subalternos que acabam defendendo a propriedade privada de seus patrões.

*Teorema 21* não termina com travessias pelo deserto e muito menos com um grito de desespero de alguém tentando refazer a própria vida, mas com o *status quo* repousando impávido em berço esplêndido, ou melhor, banal como a limpeza do estrago deixado pelo anjo exterminador com um prosaico aspirador de pó. Nem a linguagem é capaz de nos salvar, utilizada como mais uma armadilha do cinismo que é o alicerce principal daquela família burguesa.

